

ritual foi um ardoroso praticante, razão porque chegava a afirmar: “Até minha morte serei reconhecido a todas as Mães-de-Santo que me trataram como um folho branco, às Joanas de Ogum e às Joanas de Iemanjá, que compreenderam a minha ânsia por novos alimentos culturais.”

Enfim, aproveito o ensejo desta minha modesta comunicação para dizer das lembranças que guardo do Prof. Bastide, dos encontros que participei, principalmente das duas últimas férias que ele passou em São Paulo

A primeira foi em minha casa quando ele veio em companhia do Prof. Florestan Fernandes e Renato Jardim Moreira, para rever velhos amigos que sempre teve no meio negro de São Paulo. A segunda, pouco antes de sua morte, foi na casa do Prof. Florestan Fernandes, em um jantar informal muito íntimo, com a presença do Prof. Antonio Candido e Senhora e mais pessoas. Daí a lembrança, que perpetuará até o resto de meus dias, daquele francês que me honrou com sua amizade e também porque discerniu através de seu estudo da Imprensa Negra do Estado de São Paulo, as aspirações e os anseios que vinham no bojo de uma luta integracionista, de fundo ideológico-fechada no seio de uma classe, portanto relegada ao mais completo desconhecimento, se não fosse a argúcia do notável homem de ciência, verdadeiro sociólogo cuja memória ora se reverencia.

3. Depoimento

Jaime de Aguiar

Prezados Ouvintes:

A minha apresentação, nesta Justa Homenagem, sincera, ao Grande Mestre “ROGER BASTIDE, vai ser um preito digno de todos nós – deste SÃO PAULO de um passado de gloriosas tradições, dignas da nossa sinceridade, com todos aqueles que labutam, trabalham com amor, pela pujança desta cidade acolhedora de todos os povos.

Para nós, os velhos – Hoje, mais do que nunca é o do passado do negro, da nossa raça – O DIA DA SAUDADE.

O nosso grande Bilac, príncipe da poesia nossa, dissera com toda razão – “SAUDADE É A PRESENÇA DOS AUSENTES” – e o poeta BASTOS TIGRES, confirma nesta quadra maravilhosa

“SAUDADE PALAVRA DOCE
QUE TRADUZ TANTO AMARGOR,
SAUDADE É COMO SE FOSSE
ESPINHO CHEIRANDO A FLOR;”

VAMOS, portanto, embalar nessa doce e admirável página dos nossos dias passados através da encantadora SAUDADE.

Há meio século, ou mais, pugilo de bravos, velhos lutadores pela causa do negro, empenharam-se de reunir-se em um CONGRESSO; porém, a idéia não se concretizara, e muitos anos depois, essa idéia se concretizou. Hoje, felizmente aqui estamos dando a público o testemunho dessa idealização do passado que na época tivera à frente denodados lutadores: CORREIA LEITE, GERVASIO DE MORAIS, MANOEL DOS SANTOS, SEBASTIÃO GENTIL DE CASTRO, VEIGA DOS SANTOS, LINO GUEDES e outros mais.

QUISERAM formar um Congresso.

A idéia ficou perene, fecunda; após alguns anos passados, graças aos continuadores das lutas e principalmente do Prof. Geral de Campos, vemo-la concretizada na realização, alicerçada, na realidade, quando foi instalado aqui o 1o CONGRESSO DE NEGROS PARA NEGROS.

Foi a realidade diante da justiça; portanto, sentimo-nos felizes e, aqueles que ainda vivem e lutaram arduamente têm a primazia de satisfação diante da aleluia de hoje.

..... É UM PASSADO DISTANTE:.....

Todavia, muitos daqueles que labutaram para esse fim, já não pertencem ao rol dos vivos, a eles, o nosso preito de gratidão e de Saudade – a GERVASIO DE MORAIS, LINO GUEDES, JUSTINIANO COSTA, VICENTE FERREIRA, SALATIEL DE CAMPOS, BENEDITO FLORENCIO, ALBERTO ORLANDO, URSINO DOS SANTOS, e outros mais que se foram.

RECORDAR UM PASSADO DISTANTE, sempre fora para nós um prazer extraordinário, principalmente quando essa recordação se prende a Coisas Nossas – Tradições – Fatos que distanciam muito do que se propala hoje, mormente em se tratando da nossa raça, do nosso povo, da nossa gente, dos nossos avoengos e mesmo do nosso querido SÃO PAULO ANTIGO, quando a nossa Paulicéia era um relicário de tradições, uma realza de festanças, um misto de brasilidade.

É evocando esse passado que já se distancia, que procurei relembrar numa crônica singela de gratidão e de carinho dos negros velhos da Piratininga distante.

Permitam-me, pois, o que se segue, valendo-me, também, em parte da tesoura amiga que me vai auxiliar nesse empreendimento. A ela, devo em grande parte esta minha tarefa.

— A vida do negro em São Paulo é e foi e continuará sempre cheia de peripécias, em todos os contornos.

O negro no passado paulistano tivera os seus pontos altos, de um progresso digno e de admiração. Tanto assim fora, que, os primeiros quitandeiros apregoadores de vendas, arrueiros e quitadeiras eram negros e negras minas; estabelecidos depois com pensões modestas sim, porém, prediletas pelos grandes da época, talvez seja em virtude dessa situação, dos seus quitutes e pratos saborosos que surgiram os primeiros confeitores e as famosas quitadeiras da época — as doceiras de então.

As ruas prediletas dessas quitadeiras e doceiras sempre foram as ladeiras e ruas próximas às igrejas e por essa razão eram a rua Alegre, Ladeira Santa Efigênia, do Carmo, rua de São João, de São José, dos Carmilitas, das Flores e outras mais. Ainda no quartel deste século, falava-se das doceiras e quitadeiras — TIA JÚLIA, TIA MALVINA, TIA ROMANA, NORBERTA, FLORA e outras mais; e o célebre TIO CAMARÃO? e o ZÉ LEITÃO? e outras mais.

Talvez, devido a essas especialidades, ainda hoje, em nossos dias, a predileção pelas cozinheiras negras, seja um fator característico do passado. Ainda, quando do último Congresso Eucarístico de S. Paulo, o grande Bispo de S. Paulo — Don GASPAR andou à cata da sua predileta cozinheira — a Raquel que ainda vivia; porém, sem meios suficientes para servi-lo condignamente, pois, fora sua cozinheira e quituteira.

Mas o negro naquela época distante também se dedicara a outras atividades: Transporte de mudança difíceis, o negro era o credenciado carregador de pianos, cofres e limpezas de escritórios.

A antiga rua da Caixa D'AGUA, atual Paranapiacaba, era o ponto desses servidores.

Na Empresa Rodovalho os cocheiros mais briosos e mesmo nas casas dos Senhores Grandes, era ele, o negro — o Pagem, o servidor por excelência.

Falemos agora, em linhas gerais de como viveram os negros neste S. Paulo há passados anos, antes de 930, portanto.

Sendo a Saudade o enlevo de todas as épocas, a ela nos transportemos com amor, evocando esse tempo que não torna mais, vamos volver a esse período.

Há passados anos, as nossas comemorações, notadamente, as festanças da Lei Áurea eram levadas a efeito com pomposas sessões solenes da época nas associações nossas — CLUB 13 DE MAIO, 28 DE SETEMBRO, Paraíso, S. PAULO, e outras mais; constavam, como sempre, de um pomposo Baile, orações proferidas pelos seus oradores.

Os patrícios e patrícias de então, nesses dias vestiam-se a caráter e era comum certos velhos envergarem uma sobrecasaca ou fraque. Daí o epíteto pitoresco de se chamar determinados tipos de 13 de Maio.

Porém, com o evoluir dos tempos, tudo mudou, somente a recordação, companheira, dos velhos saudosos de ontem, guarda essas reminiscências, essas passagens distantes.

Ainda bem me recordo do Velho Leócio de Carvalho, o predileto dos Estudantes de Direito, do MEIO METRO outra personagem que o Clero tanto admirava, do até bem pouco tempo vivo o ANGELO GRANDE e do célebre TATÚ, o vendedor de frutas e legumes, morador da velha Estrada do Caguaçu divisa com S. Amaro, apregoando as suas quitandas, cantando assim:

“A LIMA E O LIMÃO
TUDO PRIMO IRMÃO;
TUDO MISTURADO
TUDO REVIRADO.”

Ele, o TATU também fora sambista dos 13 de Maio do passado; no seu cavalinho branco, de fraque e pés no chão. E quem se não recorda, também, de outro grande sambista de Pirapora — o perna de pau — JOÃO DIOGO com a sua Zabumba? e outro mais o JOÃO QUATRO PAUS?

Tudo é passado distante.

Há em S. Paulo, de acordo com o seu evoluir — várias crenças religiosas e em todas elas vamos encontrar o negro.

Tivemos aqui um pastor negro Rev. VALÉRIO, que deixara muita gente atrapalhada; portanto, negros há em todas as crenças.

É o progresso; no entanto, a religião católica é a predileta dos negros: a grandiosidade das solenidades — Romarias, procissões a elas, sempre emprestam a sua adesão, devotadamente.

Aí estão as Igrejas — esses templos evocativos e capelas.

Somos religiosos por índole, mas as diversões é o nosso ponto alto. Teve o negro no passado, seus clubs, associações recreativas — KOSMOS, ELITE LIBERDADE, PENDÃO, PARAISO, 13 DE MAIO, SÃO PAULO, ESMARTE, 28 DE SETEMBRO, BRINCO DE PRINCESA e outras mais, e na época carnavalesca — Cordões, RANCHOS formaram o carnaval do passado — BARRA FUNDA, CAMPOS ELÍSEOS, DIAMANTE NEGRO, DESPREZADOS, e VAI-VAI.

Muitas sociedades, também, tiveram seus jornais característicos — KOSMOS, LIBERDADE, ALFINETE, BANDEIRANTES, AURIVERDE, e outros.

EXISTIU um líder negro que não podemos olvidar JAYME DE CAMARGO, presidente da FEDERAÇÃO NEGRA, órgão e associação sua, representada sempre em todos os meios oficiais de S. Paulo e Rio, com a sua morte, também, findara a FEDERAÇÃO, o amigo dos grandes políticos da passada República.

Não podemos deixar passar sem uma recordação condigna com referência ao primeiro órgão da raça surgido nesta Capital o MENELIQUE de autoria do poeta negro DEOCLECIANO NASCIMENTO, autor de MUSA ETIÓPICA, livro inédito. Este jornal teve a sua época e alertou os negros daqueles saudosos tempos.

O nosso S. Paulo nascera também com o braço do negro; as Bandeiras desfraldadas pelos sertões a fora também tiveram a sua ajuda. Hoje, é o gigante é o líder do progresso brasileiro. Não se pode, por essa razão, negar o seu labor.

Quando os irmãos de Anchieta e de Nóbrega construíram a Igreja do Colégio o negro também contribuiu com a sua parcela do seu trabalho. Mais tarde, outros templos foram exigidos e o negro sempre presente.

Construíram igrejas primeiras – do ROSÁRIO, REMÉDIOS e SANTA EFIGÊNIA. A do ROSÁRIO af está atestando a pujança da raça, a dos REMÉDIOS – vemo-la novamente e a de SANTA EFIGÊNIA?

– Outro templo que também tem o passado nosso, transformou-se por completo; até há alguns anos fora a Catedral Provisória.

A sua construção primitiva, como Capela, deve-se ao negro. Eles trabalhavam toda a semana em seus afazeres; aos domingos davam – “Uma de Mão” para levantar a sua Capela, mais tarde a sua Igreja, de SANTA EFIGENIA e SANTO ELISBÃO. No Largo, após o trabalho, ainda sambavam até ao anoitecer.

Na Ladeira de Santa Efigênia moravam muitas negras quitadeiras da época; verdadeiras quituteiras, as doceiras de então.

Com o evoluir do tempo, da época, tudo acabou.

A Santa dos negros, hoje, lá no seu Templo, não figura no altar-mor; substituíram-na. Os negros também se foram e com eles as festas deslumbrantes de outrora.

Tudo vai passando. Outro Santo dos negros que, nos momentos de aflição de todos brasileiros, vão ao seu encontro – SÃO BENEDITO. Ele também tivera a sua Igreja – as suas festas pomposas; ao lado da tradicional Faculdade de Direito. Ali, quantas e quantas vezes o nosso povo assistiu a festas lindas em seu louvor. Eram de encantar – leilões de prendas, Congadas e Caiapós. Entre uma das estu-dantadas da época, incendiaram o seu altar. Depois, colocaram outro mais rico,

com maquinário próprio que, à hora da Exposição do S. Sacramento, elevava o Trono majestosamente. Houve mais tarde uma desinteligência entre a Irmandade e o Clero e tudo se transformou, como bem dissera o seu último Capelão, o grande admirador da raça – Cônego LESSA. A igreja passou à direção dos frades e o S. BENEDITO e a sua Irmandade desapareceram.

Tínhamos, até bem pouco, duas irmandades representativas de um passado distante a do Rosário e a dos Remédios. Era esse templo evocativo, onde outrora o grande ANTONIO BENTO pontificara em prol dos cativos, dos escravos, escondendo-os e lhes prestando todo o seu amparo. Fora o seu Provedor e fundara o Jornal a REDENÇÃO para a defesa dos cativos. A tradição atesta o valor dessa igreja, desse templo, porém de passado grandioso.

Há passados anos, quando ainda era no Largo João Mendes o seu Templo – às 2^{as} feiras havia uma devoção para com as almas e, nesse templo, estavam expostos os suplícios dos negros escravos e, à noite, velas em profusão eram acesas a sufragar as almas dos cativos. Esse templo evocativo se transportou à distancia lá para os lados do Cambuci.

Agora, temos, por enquanto, somente, a do Rosário das nossas tradições.

Com o evoluir próprio, crescente, também, seguimos a passos curtos, como bem dissera CRUZ E SOUSA – EMPAREDADOS.

Mesmo assim, vamos encontrar o negro se infiltrando em todas as atividades; – na música – VERÍSSIMO GLÓRIA MANUEL DOS PASSOS, CARLOS CRUZ, JULIO COTRIM, SEBASTIÃO MARIANO, ANTÃO FERNANDES, CUSTÓDIO PASSOS, ALFREDO PIRES, FERNANDO MAGALHÃES e outros.

VERÍSSIMO GLÓRIA – um dos maiores mestres, compositor sacro e profano, tinha a sua célebre BANDA DE MÚSICA, MANUEL DOS PASSOS grande músico, maestro da Banda Policial; ANTÃO FERNANDES, regente de todas as Bandas, por ocasião do Nosso Centenário da INDEPENDÊNCIA. Nas outras artes – ciências e na literatura; tivemos representantes dignos – na pintura – Frei PAULO, capuchinho, o grande TOBIAS, ARTUR ROCHA e o célebre “Carioca” cenografista do rei MOMO do carnaval de FÁBIO PRADO – o maior.

De acordo com a época o negro também se fez orador popular. Ainda nos recordamos das romarias cívicas que se faziam para comemorações diversas. Certa ocasião, quando da vinda de um representante ilustre da Imperial Família, a sociedade CLUB 13 de Maio, tendo à frente sua Diretoria, estandarte e etc., trazia o seu representante para expressar o sentir da raça; e, esse orador era o negro ANTONIO EUZÉBIO DE ASSUMÇÃO, vulgo CATIMBÃO; inteligente e culto; de fraque e calça branca e, o seu improvisado discurso fora a nota sensacional da Gare da Luz.

Na época, era o orador popular a “persona-grata”, em todas as festanças e, de acordo sempre o negro se fez orador.

É um CATIMBÃO, de pince-nez e fraque, um José Maria Monteiro, Cambará, José de Melo, João Marinheiro e outros, consagrados das associações das épocas dansantes.

Depois, o negro começa a pensar de outra forma; procura fundar sociedades de cunho instrutivo, literárias e mesmo educativas. Então, vemos passar sempre de pasta, óculos e guarda-chuva a figura simpática, já curvada pelos anos de lutador e de sofrimentos em prol de um ideal — é o nosso velho Prof. SALVADOR DE PAULA, fundador e Presidente perpétuo da ASSOCIAÇÃO DOS AMIGOS DA PÁTRIA, sempre com o seu dileto filho ao lado.

Um dia que se não vai tão distante, ele deixara de se apresentar nas festas cívicas da época; tivemos a triste notícia — a do seu falecimento e com ele deixara de existir um símbolo do passado e os AMIGOS DA PÁTRIA

Era do seu discursar em todas as ocasiões. E o Prof. SALVADOR DE PAULA, muitas e muitas vezes, em manifestações de caráter oficial apresentava-se e falava mesmo contra a vontade de muitos.

— Porém, quando S. Paulo estava “de crepe”, aguardando os últimos instantes para levar ao Campo Santo os restos mortais de CARLOS DE CAMPOS, nosso PRESIDENTE, eis que da multidão desolada, surge um negro, completamente desconhecido de todos — pede a palavra, diz o orador do momento, que deseja também dar o seu adeus ao amigo, que se vai para sempre — todos contemplam naqueles olhos semi-cerrados a angústia sincera de uma raça e, o orador fala, diz tudo e convence todos. Desde esse dia, então, o negro tivera em VICENTE FERREIRA, o seu maior paladino, o Prof., o doutor da palavra em todas as manifestações da época.

A ele, devemos, muito e muito e notadamente a IMPRENSA NEGRA que surgia; graças ao seu amparo idealizador. ALBERTO ORLANDO é outro orador de fibra, perfeito que a raça possuía. É um BANEDITO FLORÊNCIO que nos entusiasma e nos ensina os primeiros passos da luta; e o GERVASIO DE MORAIS que se aproxima com o seu lirismo na oratória e nos seus versos. Data dessa época o aparecimento do nosso jornal o CLARIM DA ALVORADA.

Lutas sucessivas transcorreram durante o período de sua existência. Formaram-se associações nossas — CENTRO CÍVICO PALMARES, fundado por Antonio Carlos, negro idealizador e outros. Depois, com o advento de 930 — FRENTE NEGRA BRASILEIRA, CLUB: NEGRO CULTURA SOCIAL, UNIÃO NEGRA BRASILEIRA.

Em 931, um conjunto de negros sinceros reunira-se, tendo a frente o lutador Argentino Celso Wanderley, Lino Guedes, Horácio da Cunha, e outros mais para tributar a LUIS GAMA uma herma, pelo muito que fizera pela raça.

E, essa bela idéia, tornara-se em realidade patente e com ela, encerra-se a publicação do jornal O PROGRESSO, por meio do qual, fora o mediano do tributo ao abolicionista escravo LUIZ GAMA.

Hoje contemplamo-la no Largo DO AROUCHE. Já são passados mais de meio século de liberdade e o negro vai caminhando, com dificuldades menores, felizmente, que de anos pretéritos, a passos mais avantajados para um futuro maior que se aproxima.

SENHORES !

EIS A VISÃO DA COMUNIDADE NEGRA
A
ROGER BASTIDE

Todos os grandes nomes das letras já disseram a seu respeito, tudo, tudo – os consagrados escritores.

ARTUR RAMOS, PAULO DUARTE, ANTONIO CANDIDO, GILBERTO FREYRE e o seu dileto discípulo e colaborador FLORESTAN FERNANDES;

NÓS, os NEGROS DE SÃO PAULO, SUMAMENTE GRATOS, REGISTRAMOS, EMOCIONADOS, NESTE MÊS DA LIBERDADE, COM AMOR E GRATIDÃO PELO MUITO QUE O MESTRE ILUSTRE FEZ POR NÓS ATRAVÉS DAS SUAS PESQUISAS, ALERTANDO CADA VEZ MAIS O VALOR DE UMA RAÇA QUE TANTO TEM DADO E CONTINUARÁ A DAR PELA GRANDEZA DO NOSSO BRASIL.

4. Roger Bastide – um aliado

Eduardo de Oliveira e Oliveira

Nossos contatos pessoais com o Prof. Roger Bastide foram muito escassos. Vimo-nos muito poucas vezes em suas duas últimas viagens ao Brasil.

Nossa proximidade com o Mestre deu-se mais através de leituras de suas obras e no convívio mais íntimo com “As Américas Negras” que nos propusemos traduzir, para o que tivemos seu assentimento depois de leitura feita à Introdu-